

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*JOSÉ SILVEIRA — *Secretário Executivo*

Péssimo Exemplo

IRREGULARIDADE incorporada à rotina administrativa do Congresso, o **jeton** pago ao parlamentar ausente tinha merecido o repúdio do próprio Presidente do Senado. Alarmado com os plenários vazios, frustrado pelo ralo povoamento das comissões e pressionado pelas queixas da opinião pública, o Sr José Fragelli anunciara sua intenção de dar um fim, “custe o que custar”, ao escandaloso procedimento.

As boas intenções não duraram 24 horas. Num debate senatorial que merece entrar para o “livro negro” da história da República, um único senador foi capaz de defender a medida contra a oposição geral, enquanto o presidente da casa voltava sobre as suas próprias palavras, e exibia uma postura de espantosa ambigüidade.

O Senador Luís Cavalcante teve suficiente senso comum para afirmar que o **jeton** aos ausentes configurava “a mais antipática de todas as mordomias”, e para acrescentar que a decisão de cancelá-lo viria até tardiamente. Manifestou a esperança de que ela “serviria, quem sabe, como um exemplo a ser imitado pela outra casa do Congresso”.

Viu-se imediatamente tão sozinho quanto Jesus Cristo no Horto das Oliveiras. O presidente da casa informou que havia divisão entre os senadores, e mostrou-se disposto a concordar em que “num ano eleitoral, a medida seria um pouco agressiva”.

E à opinião pública, não se dá satisfação alguma? De 35 senadores presentes, um único terá percebido

que houve uma mudança de regime, e com ela a exigência de uma nova mentalidade? Ignoram os ilustres senadores que um mandato parlamentar não é um emprego, e sim uma deferência que o eleitorado confere a determinado cidadão para que o represente com toda a seriedade? Pretendem os integrantes da casa mais nobre do Legislativo que estão a receber pouco, e que portanto devem raspar o cofre das vantagens a que têm direito — mesmo quando não cumprem os atos aos quais correspondem as regalias?

O Senado sempre foi uma instituição altaneira, uma espécie de “nobreza” da democracia — nobreza fundada na idade, na experiência, na própria respeitabilidade da instituição: Há quem fale mal da política do Brasil Império; mas um Senador do Império conhecia a importância do que ele representava. Vários deles foram imortalizados numa página célebre de Machado de Assis.

Não se espera encontrar varões de Plutarco no ano da graça de 1985. Mas o Brasil acabou de passar por momentos históricos, em que se discerniu o início de novos tempos. Para que esses novos tempos se firmem, precisamos de um mínimo de dignidade e de caráter. A quem, mais do que aos senadores, cumpriria dar o exemplo? Mas se os senadores são cegos e surdos ao que acontece fora dos seus pequenos interesses, quem apontará o futuro à jovem democracia brasileira? Quem fará com que ela caminhe para cima, e não para trás, na direção do pantanal que mal abandonamos?